

O incentivo e a melhoria da qualidade da pesquisa sobre o câncer no Brasil

Recentemente, a União Internacional Contra o Câncer - UICC promoveu em Oslo, Noruega, uma reunião na qual se discutiu a viabilidade de se incentivar e melhorar a qualidade da pesquisa sobre o câncer, nos países *em desenvolvimento*.

O Instituto Nacional de Câncer - INCA representou o Brasil naquela reunião, cuja pauta foi praticamente dirigida para países da Ásia e do Oriente Médio. As realidades e dificuldades apresentadas por estes, embora muito divergentes das nossas, ajudam-nos a ver o grande potencial que temos de desenvolver para melhorar a pesquisa no nosso país.

Do ponto de vista do Brasil, acredito que o maior empecilho para desenvolvermos pesquisa oncológica, em termos quantitativos e qualitativos é a falta de projetos institucionais. Por meio destes, poder-se-ia superar o caráter individualista com que se tem revestido os nossos projetos de pesquisa, que gera a premência pela verificação de resultados a curto prazo, desestimula estudos e análises a médio e longo prazos e leva à impossibilidade de se implantar ou manter políticas voltadas para o incentivo e melhoria da qualidade da pesquisa.

Precisamos conscientizar-nos de que é preciso integrar as subáreas da Pesquisa Básica, como a Biologia Tumoral e Genética, à Pesquisa Clínica Aplicada, definindo-se linhas prioritárias de pesquisa e orientando-a para metas mais conseqüentes e pertinentes.

Por seu lado, os estudos clínicos devem ser protocolares, metodológica e cientificamente adequados, garantindo que o percentual e o tempo de seguimento dos pacientes permitam uma completa avaliação de resultados de sobrevida.

A pesquisa clínica é feita quase que exclusivamente por médicos, geralmente muito ocupados, que utilizam o seu tempo "livre" para isso. A maioria desses dedicados profissionais têm muito pouco treinamento na metodologia da pesquisa clínica e quase não existe infra-estrutura especializada para ajudá-los, como por exemplo bioestatísticos, analistas e gerentes de dados. A maioria dos ensaios clínicos são oriundos das companhias farmacêuticas e são protocolos desenvolvidos fora do Brasil. A pesquisa para atender a demanda da indústria farmacêutica se não é adaptada aos interesses institucionais, só onera a organização e pouco colabora para a melhoria da Ciência e da assistência oncológica nacional.

Faz-se necessário também que as instituições e os pesquisadores sejam periodicamente avaliados por congêneres externos, nacionais e internacionais, de modo que com isto se atualize e se certifique a qualidade do trabalho de pesquisa nelas e por eles realizado.

Pelo até aqui resumido, pode-se ver que é preciso reorientar inteiramente o processo, de modo a contar-se com um modelo capaz de alterar o atual *status quo*, o que, em última instância, significa dizer que temos o desafio de criar e passar a desenvolver uma nova maneira de pensar e praticar a pesquisa oncológica no Brasil.

O Instituto Nacional de Câncer considera bem-vindos todos os que queiram sugerir, participar e se comprometer com esse desafio.

Marcos F. Moraes
Diretor do Instituto Nacional de Câncer